

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quinta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quinta	Quinta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Na BM&F, o grama (em R\$)	Prefeito, 32 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-0,31 São Paulo	41.161 40.719 10/11 13/11 14/11 16/11	US\$ 1,110 (▼ 0,13%)	2,154 (▲ 0,23%)	08/novembro 2,14 09/novembro 2,14 10/novembro 2,15 13/novembro 2,16 14/novembro 2,14	2,756 (▲ 0,07%)	R\$ 43,200 (Estável)	13,43%
+0,44 Nova York							Junho/2006 -0,21 Julho/2006 0,19 Agosto/2006 0,05 Setembro/2006 0,21 Outubro/2006 0,33

## POLÍTICA ECONÔMICA

Debate sobre pacote de medidas federais serve de campo de batalha para os ministros Mantega, Bernardo e Furlan disputarem espaço no governo. Todos tentam permanecer em seus postos no próximo mandato

# O trio da discórdia

VICENTE NUNES  
E EDNA SIMÃO

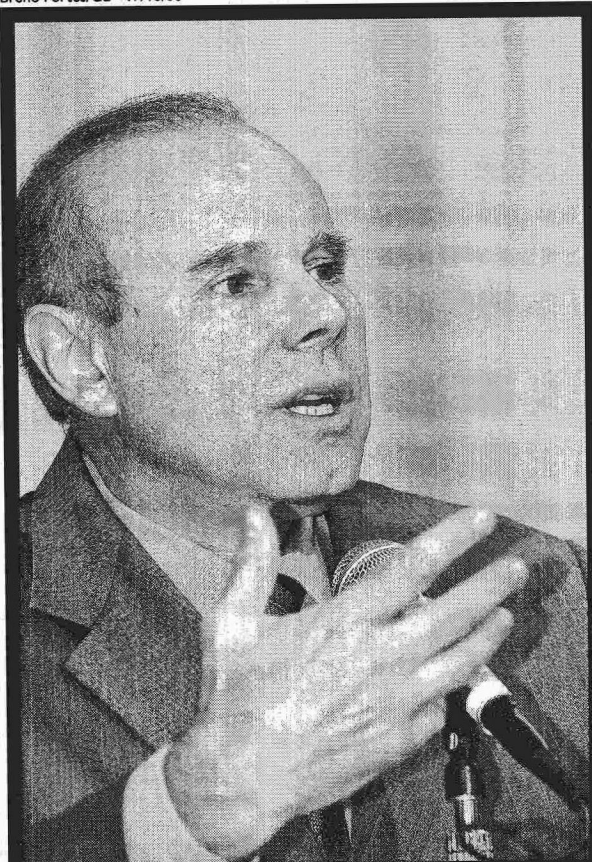
DA EQUIPE DO CORREIO

O prometido pacote econômico para ampliar o potencial de crescimento do Brasil se transformou em uma verdadeira guerra de egos dentro do governo. Com o presidente Lula em fase de montagem do ministério de seu segundo mandato e ansioso para sinalizar à população e ao empresariado de que está comprometido em expandir a produção e o consumo, os principais integrantes da equipe econômica estão fazendo de tudo para mostrar serviço e garantir um espaço de prestígio com o chefe. A disputa é travada, principalmente, pelo trio Guido Mantega (ministro da Fazenda), Paulo Bernardo (ministro do Planejamento) e Luiz Fernando Furlan (ministro do Desenvolvimento).

Desde a última terça-feira, quando Lula explicitou seu descontentamento com as medidas apresentadas pela equipe econômica, os três passaram a se movimentar nos bastidores para desqualificar um ao outro e a ressaltar suas qualidades. Político de carteirinha, Paulo Bernardo não fez por menos. Passou a difundir que a única proposta do pacote aprovada por Lula foi a sua: aumentar de 0,2% para 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) os investimentos em infra-estrutura contemplados pelo Projeto Piloto de Investimentos (PPI) e que são excluídos do cálculo do superávit primário de 4,25% do PIB. A mudança resultaria em mais R\$ 6 bilhões para obras.

O alvo principal de Bernardo nessa disputa é o ministro da Fazenda. Os dois não se bica desde que Mantega apoiou a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, na tarefa de enterrar o projeto preparado pelo ministro do Planejamento para fazer um ajuste fiscal de longo prazo. O projeto

Breno Fortes/CB - 17/10/06



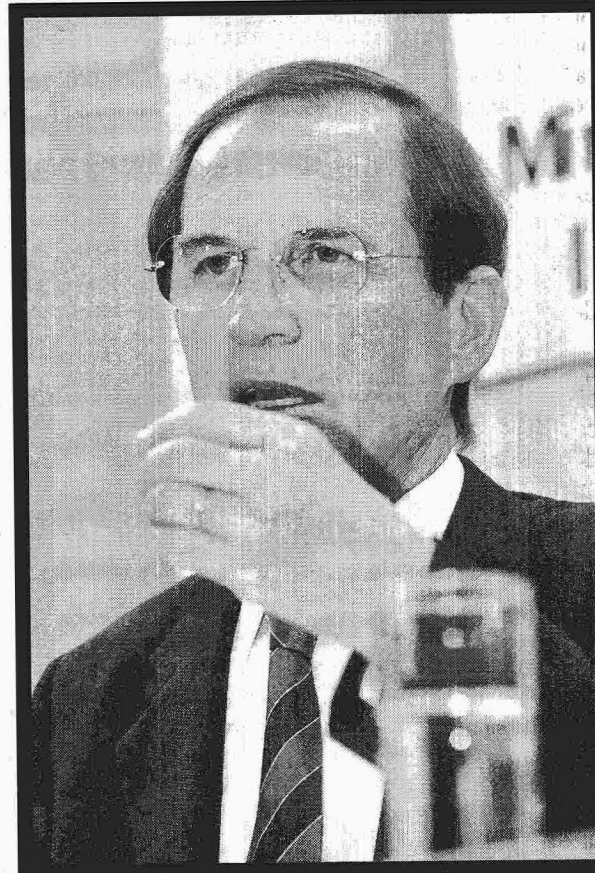
GUIDO MANTEGA DETECTOU OS ATAQUES E ALERTOU A EQUIPE PARA NÃO DEIXAR O FLANCO DESGUARNECIDO

Wilson Dias/ABr - 31/8/06



PAULO BERNARDO COMEMORA A APROVAÇÃO DE SUA PROPOSTA PELO PRESIDENTE: REVANCHE

Wanderlei Pozzembom/CB - 1/6/04



LUIZ FURLAN APROVEITOU O RESULTADO DA REUNIÃO PARA PEDIR MAIS DESONERAÇÃO DOS INVESTIMENTOS

teve o aval do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci, que, na avaliação de integrantes do governo, está empenhadíssimo em desqualificar o sucessor para que ele não fique na Fazenda no segundo mandato de Lula. Não é à-toa que as propostas apresentadas por Mantega para o pacote do crescimento têm sido as mais detonadas, qualificadas como "tímidas", "mesmice" e "sem ousadia". "Estamos sentindo um cheiro no ar de fritura de Mantega", disse um assessor muito próximo do ministro da Fazenda.

### Tiroteio e saia-justa

O ministro do Desenvolvimento também atacou. Seus assessores estão pregando a tese de que Mantega saiu enfraquecido da elaboração do pacote pedido por Lula

por não ter incluído na lista de propostas a desoneração de tributos sobre os novos investimentos produtivos e sobre o setor da construção civil. Os assessores de Furlan garantem que o ministro brigou muito para incluir essas medidas no pacote apresentado ao presidente. Mas não foi ouvido por Mantega. Agora, com as demandas mais firmes de Lula, o ministro do Desenvolvimento acredita que ficará mais forte dentro do governo, sobretudo porque, ao final da reunião da última terça-feira, o presidente ordenou a Mantega que se reúna com a equipe de Furlan para elaborarem propostas conjuntas de cortes de tributos, a serem discutidas no encontro marcado para a próxima semana no Palácio do Planalto.

Apesar de alardear que não

tem intenção de continuar no governo a partir de 2007, Furlan está trabalhando ativamente para ficar no cargo. As movimentações do ministro ficaram mais intensas depois que passaram a circular as notícias de que o presidente Lula gostaria muito de ter o empresário Jorge Gerdau Johannpeter no governo, mais precisamente no Ministério do Desenvolvimento. Com Mantega tachado de "burocrático" e "sem criatividade", Furlan acredita que ganhou espaço para se sobressair ao satisfazer a ansia de Lula de dar uma resposta aos eleitores aos quais ele prometeu um crescimento mais forte da economia a partir de 2007.

Mantega já identificou o tiroteio contra ele. E, para se defender, agiu em duas frentes. Primeiro: cobrou mais empenho de sua

equipe para atender aos pleitos do presidente. Segundo: buscou o apoio de Dilma Rousseff, a pessoa mais poderosa do Planalto depois de Lula. Mesmo convicto de que continuará à frente da Fazenda no segundo mandato de Lula, Mantega tem dito a assessores que não pode ficar com o flanco desguarnecido, especialmente porque sabe que há um grupo que não se conforma com a sua permanência no cargo mais importante da equipe econômica. "No mínimo, os desafios de Mantega querem lhe botar em uma saia-justa, pois sabem que, efetivamente, Lula ainda não definiu os integrantes da equipe econômica do próximo governo", disse um técnico da Fazenda.

A princípio, Lula marcou para a próxima quarta-feira uma nova

reunião com a equipe econômica para que todos lhe apresentem propostas mais ousadas para o crescimento. Na mesma reunião, Dilma Rousseff listará ao presidente os projetos apontados como prioritários pelo ministério da área de infra-estrutura. A ministra da Casa Civil fixou hoje como prazo final para a entrega da lista de projetos pelos ministérios. E é ela quem fará a seleção do que será encaminhado a Lula. Na avaliação da líder do PT no Senado, Ideli Salvatti (SC), as cobranças do presidente são mais do que compreensíveis. E o fato de Lula ter se mostrado insatisfeito com as propostas já apresentadas, não deve ser visto como motivo para briga de egos dentro do governo. "Seria amesquinhar demais o debate", afirmou.